

O PAPEL DA DISCIPLINA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Jaqueline de Queiroz Castro¹
Silva Félix dos Santos²

¹ Graduanda do curso de Letras do Campus Anápolis de CSEH/UEG.

² Docente do Curso de Letras Campus Anápolis de CSEH da Universidade Estadual de Goiás.

Introdução

Quando se pensa nos problemas enfrentados pela educação atual, logo vem à cabeça a falta de disciplina dos alunos enfrentada por muitos, se não, por todos os professores. Esta (in)disciplina escolar sempre existiu, porém, se apresenta de forma nova e única nas diferentes instituições de ensino. Desta forma, é preciso entender o problema como um todo e leva-lo ao específico, ou seja, a realidade de cada ambiente escolar, visto que a (in)disciplina pode ser entendida de diferentes formas a depender de cada instituição e de cada professor.

O problema é que a (in)disciplina fere os princípios e objetivos escolares, atrapalhando o desenvolvimento dos alunos e o trabalho do professor. Assim, numa aula de 50 minutos, por exemplo, o professor poderá perder grande parte tentando resolver problemas de (in)disciplina, o que levará a um desgaste e cansaço do professor e a aula não será produtiva para ambos. Diante disso, se faz necessário entender que estratégias o professor poderá usar em sala de aula para diminuir esses casos de (in)disciplina?

Visando isso, esse estudo objetivou conhecer o ambiente de ensino onde ocorrem esses casos de (in)disciplina com o intuito de entender algumas causas desse problema e quais consequências ele traz para o processo de ensino-aprendizagem, bem como analisar as estratégias utilizadas pelos professores para resolver o problema.

Referencial Teórico

A disciplina escolar é desejada e necessária para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem dos alunos em cada instituição. Cada escola apresenta seus objetivos que precisam ser alcançados, porém, mesmo que haja interesses semelhantes, as instituições traçam objetivos diferentes a depender de sua localização e dos alunos que ali frequentam. Assim, a escola desenvolve uma série de “regras e princípios” que acredita contribuir para o melhor desempenho de suas atividades.

Diante disso, Estrela (1992) afirma que os casos mais frequentes de (in)disciplina

escolar contradiz aos principais objetivos da escola que é o de socialização e de assegurar boas condições no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, essa transgressão de regras não se aplica somente às regras criadas pela escola, mas também às regras de boa convivência descritas pela sociedade.

Como a escola é uma instituição de ensino, o objetivo dela é justamente o ensino e a aprendizagem dos alunos. No entanto, esse objetivo fica comprometido diante dos casos de (in)disciplina que aparecem nas escolas, onde boa parte da aula é tomada para que o professor possa resolver problemas comportamentais.

Assim como Estrela, Aquino (1996) também defende a ideia de que a (in)disciplina é um obstáculo dentro da escola e ainda afirma que é um dos maiores problemas enfrentado nos dias de hoje. Até mesmo os próprios alunos a consideram como um dos maiores problemas dentro de sala de aula, como revela a pesquisa feita pelo MEC (ABRAMOVAY e CASTRO, 2003).

Estrela e Aquino concordam sobre a gravidade desse problema dentro da escola e indicam para que os objetivos da escola sejam alcançados, é preciso que seus componentes sigam certas “regras” traçadas por ela e, para isso, é importante deixá-las claro para que os alunos as obedeçam, como se fosse num jogo em que os participantes precisam conhecer bem as suas funções. No entanto, essas regras precisam favorecer o processo de ensino-aprendizagem, levando a escola, professores e alunos a alcançarem seus objetivos afins.

De acordo com esses autores, obedecer às normas propostas pela escola visando melhorias no ensino contribui para que os alunos entendam os valores da sociedade em que vivem. Ajuda-os a saberem respeitar as regras estabelecidas fora da escola, pois eles também deverão segui-las se quiserem viver em sociedade. Assim, a escola prepara os alunos para viverem em sociedade. Diante disso, Foucault (apud RIBEIRO, 2008) afirma que a escola “tem o papel fundamentalmente disciplinador e normalizador dentro da sociedade, pois pretende formar corpos obedientes e capazes de conviver segundo as normas sociais” (p.41).

A partir da “disciplina” promovida pela escola, o cidadão é condicionado a certos comportamentos sociais e discursivos. A escola agindo como uma instituição disciplinadora proporciona aos seus alunos certa preparação para aquilo que ele encontrará fora da dela. Desse modo, pressupõe-se que o conhecimento das regras sociais seja importante para o entendimento e a convivência em sociedade.

Diante disso, é importante que o professor, dentro de sala de aula, apresente e discuta com os alunos as normas e os princípios adotados pela instituição e que estabeleça um acordo mútuo com a turma para se estabelecer um “código” social de comportamento e para o desenvolvimento da aula. Quando o aluno conhece as regras, ele pensará bem antes de transgredi-la, pois saberá que será responsável por suas consequências.

Metodologia

Essa pesquisa é de cunho qualitativo e tem o intuito de coletar os dados em campo e analisá-los a partir da ótica da Análise do Discurso com a finalidade investigar os casos de (in)disciplina presentes em sala de aula. O *corpus* será composto por meio da realização de entrevista com os sujeitos professores e alunos de duas escolas, sendo uma no Ensino Fundamental e particular na Cidade de Anápolis e outra no Ensino Médio e pública na Cidade de Teresópolis com o intuito de entender a percepção dos discursos que emergem e que tornam as práticas discursivas em relação ao tema.

Resultados e Discussões

Por se tratar de uma pesquisa de base empírica e de campo, até o momento estamos reconhecendo os espaços escolares, quais são as normas previstas pelas escolas por meio de seus Regimentos Internos e o estado da arte que tratam das perspectivas disciplinares. As entrevistas com os professores, gestores e alunos revelam algumas diferenças discursivas entre as duas realidades escolares e entre os próprios participantes da pesquisa.

Na primeira realidade, que é a de uma escola privada, há um controle maior do professor quanto à disciplina dos alunos. A escola apresenta uma série de regras que os professores e alunos devem seguir. Há várias formas de punição para aqueles alunos que transgredirem as regras. Dentre elas, existe o recurso de uma agenda que os alunos possuem para anotar suas tarefas, mas que pode ser utilizada pelos professores para escreverem recados para que os pais fiquem cientes do comportamento do filho na escola.

Com isso, nos momentos em que o professor sente mais dificuldade para manter a disciplina dentro de sala de aula, ele apresenta aos alunos essa possibilidade de receber uma anotação na agenda, o que faz com que a sala volte a estar disciplinada, mesmo que essa advertência seja feita apenas para um aluno.

Em outra realidade, que é a realidade da escola pública, foi observado que o professor não se preocupa tanto com a disciplina dos alunos deixando-os livres para fazer suas tarefas ou não. Foi observado também casos de alunos que dormiam durante a aula, que conversavam com os colegas ou que se distraía no celular. A professora, nesse caso, não utilizava de nenhuma estratégia para manter a disciplina dentro de sala de aula, o que deixavam eles acomodados e livres para fazer o que quisessem.

É clara essa distinção dessas duas realidades, visto que a primeira tem um maior controle dos alunos que a segunda. Os alunos da primeira realidade estavam cientes das consequências de suas atitudes e, por isso, obedecia às regras prescritas pela professora, enquanto que na segunda os alunos ao menos demonstrava ciência das regras.

Estrela (1992) afirma que a organização do professor é essencial para que a sala também esteja organizada. Uma sala desorganizada está exposta a problemas causados pela (in)disciplina. Para ela

Enquanto que os bons organizadores estabelecem bem as regras e dão directivas precisas, apresentam claramente as suas expectativas quanto ao comportamento dos alunos, respondem a estes de forma consistente, intervêm mais prontamente para parar o desvio e utilizam mais frequentemente as regras em caso de indisciplina, os professores mau organizadores utilizam regras vagas e não reforçáveis, dão directivas pouco precisas, comunicam ambigualmente as suas expectativas, são inconsistentes nas suas respostas à maior parte dos comportamentos desviantes dos alunos, ignoram mais vezes esses comportamentos, não evocam as suas consequências e reagem com lentidão (p. 90).

Não é que a primeira realidade não apresenta casos de (in)disciplina, mas os recursos utilizados pelos professores faz com que ele tenha maior controle sobre a situação, porém, conta com o total apoio da escola.

Conclusão

Essa pesquisa proporcionou entender melhor os casos de (in)disciplina escolar através da observação e comparação feita em duas realidades distintas, que é a da escola pública e da privada. Isso possibilitou uma compreensão maior sobre o problema e quais estratégias os professores utilizaram para resolvê-los.

De um modo geral, os professores se sentem incomodados com a (in)disciplina em sala de aula, porém, percebe-se que de um lado há vários recursos que podem ser utilizados para a resolução do problema e de outro há uma acomodação diante da realidade.

Com isso, percebeu-se o quanto o papel do professor pode contribuir para diminuir ou aumentar esses casos de (in)disciplina em sala de aula, situação que poderá ser muito melhor se os envolvidos tiverem o apoio da escola.

Referências

- ESTRELA, Maria Teresa. **Relação Pedagógica, Disciplina e (in)disciplina na aula**. Portugal: Porto Editora, 1992.
- ABRANOVAY, Miriam & CASTRO, Mary Garcia. **Ensino Médio: Múltiplas Vozes**. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação, 2003.
- AQUINO, Júlio Groppa. **A desordem na relação professor/aluno: (in)disciplina, moralidade e conhecimento**. In: AQUINO, Júlio Groppa. (org.) (in)disciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- RIBEIRO, Aline Antunes. **(in)disciplina: as vozes dos sujeitos da escola**. São Gonçalo, 2008.